



DO BÁSICO A VARIANTES EM DOM CASMURRO

Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida¹

Manoella Neres Jubilato²

Cátia Schreiner³

Resumo: O texto está composto de uma parte teórica e outra prática. O objetivo da primeira parte é, com base em manuais de crítica textual, tratar sucintamente do conceito, objeto, interdisciplinaridade, funções e objetivo da filologia ou crítica textual. O objetivo da segunda parte é levantar algumas variantes de natureza diversa encontradas no cotejo de testemunhos de *Dom Casmurro* (Machado de Assis).

Palavras-chave: Filologia; Crítica textual; Dom Casmurro; Machado de Assis.

Abstract: The text is comprised by a theoretical and a practical part. The objective of the first part is, based on manuals of textual criticism, to briefly discuss the concept, object, interdisciplinary, functions and purpose of philology and textual criticism. The goal of the second part is to raise different kinds of variants found in testimonials comparisons of Dom Casmurro (Machado de Assis).

Keywords: Philology; Textual Criticism; Dom Casmurro; Machado de Assis.

Parte 1: Do básico⁴

Conceito, objeto e interdisciplinaridade

Filologia, e por extensão *crítica textual*, não é um termo de pouca idade. Então, não é de se estranhar que se leiam nele, à primeira vista, dessemelhantes conceitos. Por consequência, a prática e a teoria podem embicar por caminhos também diversos. Mas, focando o todo, conceitos, práticas e teorias se tangem.

Segundo Houaiss e Villar (2001, p. 1344), que fornecem a datação de algumas acepções, *filologia* é: (l) o “estudo das sociedades e civilizações antigas através de documentos

1. Professor da Universidade de São Paulo. Sócio Correspondente da Academia Brasileira de Filologia. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Doutor e Livre-Docente em Filologia e Língua Portuguesa pela USP. E-mail: msantiago@usp.br

2. Mestranda da Universidade de São Paulo. E-mail: manoella.jubilato@usp.br

3. Doutoranda da Universidade de São Paulo. Bolsista FAPESP. E-mail: catia.schreiner@usp.br

4. Parte deste texto está alicerçada em Santiago-Almeida (2009, p. 223-234).

e textos legados por elas, privilegiando a língua escrita e literária como fonte de estudos” – século XVI; (II) o “estudo rigoroso dos documentos escritos antigos e de sua transmissão, para estabelecer, interpretar e editar esses textos” – século XIX; (III) o “estudo científico do desenvolvimento de uma língua ou de famílias de línguas, em especial a pesquisa de sua história morfológica e fonológica baseada em documentos escritos e na crítica dos textos redigidos nessas línguas (p.ex., filologia latina, filologia germânica etc.); gramática histórica” – século XX; (IV) o “estudo científico de textos (não obrigatoriamente antigos) e estabelecimento de sua autenticidade através da comparação de manuscritos e edições, utilizando-se de técnicas auxiliares (paleografia, estatística para datação, história literária, econômica etc.), especialmente para a edição de textos”; e (V) a “parte da linguística histórica que trata do estudo comparado das línguas, não só através de sua origem e evolução, como também do confronto com línguas modernas; gramática comparada, linguística comparada”.

A partir dessas acepções, e também conforme os manuais, dentre outros, de Auerbach (1972), Azevedo Filho (1987), Cambraia (2005), Spina (1977) que também serviram de fontes para este artigo, podemos resumir o conceito de filologia em duas direções não, necessariamente, incongruentes:

1) No sentido mais amplo (*lato sensu*), a filologia se dedica ao estudo da língua em toda a sua plenitude – linguístico, literário, crítico-textual, sócio-histórico etc. E tem como objeto o texto escrito, literário e não literário. Nesse patamar incluem-se as acepções I, III e V de Houaiss.

2) No sentido mais estreito (*stricto sensu*), a filologia se concentra no texto escrito, primordialmente literário, para estabelecê-lo, fixá-lo, restituindo-lhe à sua genuinidade, e prepará-lo para publicação. Nesse outro patamar encontram-se as acepções II e IV de Houaiss. É aqui também que se configura o conceito de *crítica textual*, *ecdótica* ou *edótica*.

A filologia no sentido estrito, crítica textual, tem, portanto, o texto escrito [manuscrito ou impresso, antigo ou moderno] como seu objeto. O *corpus* fundamental são os textos literários. O *corpus* secundário é composto pelos textos não literários – históricos, jurídicos, religiosos, filosóficos etc. É nesse ponto que filologia ou crítica textual faz fronteira com a história e a literatura. A história se baseia primordialmente em textos não literários, tendo como *corpus* secundário os textos literários – quer dizer: em se tratando da tipologia do objeto de análise, a história e a crítica textual são inversamente proporcionais; a literatura [escrita], por sua vez, tem no texto literário o seu único objeto.

Além da história e da literatura, outras três disciplinas são próximas à filologia ou crítica textual e auxiliam o trabalho do filólogo ou do editor crítico. Referimo-nos à codicologia (estudo e descrição do livro manuscrito ou códice), à diplomática (estudo dos diplomas, cartas e outros documentos oficiais, para determinar sua autenticidade, integridade e época ou data em que foi feito) e à paleografia (estudo das antigas formas de escrita, incluindo sua datação, decifração, origem, interpretação etc.).

Objetivo e funções

O objetivo da filologia tem variado de acordo com a época, com os autores que com ela lidaram e, ainda, com os lugares em que foi praticada. Daí também se explica seu conceito polissêmico.

Mesmo parecendo complexa, a atividade filológica tem seu campo determinado na medida em que se estabelece o que se pretende com seu objeto de estudo: o texto escrito. É dessa pretensão que se listam as três funções do trabalho filológico: substantiva, adjetiva, e transcendente.

Spina (1977, p. 77) resume assim as três funções da filologia:

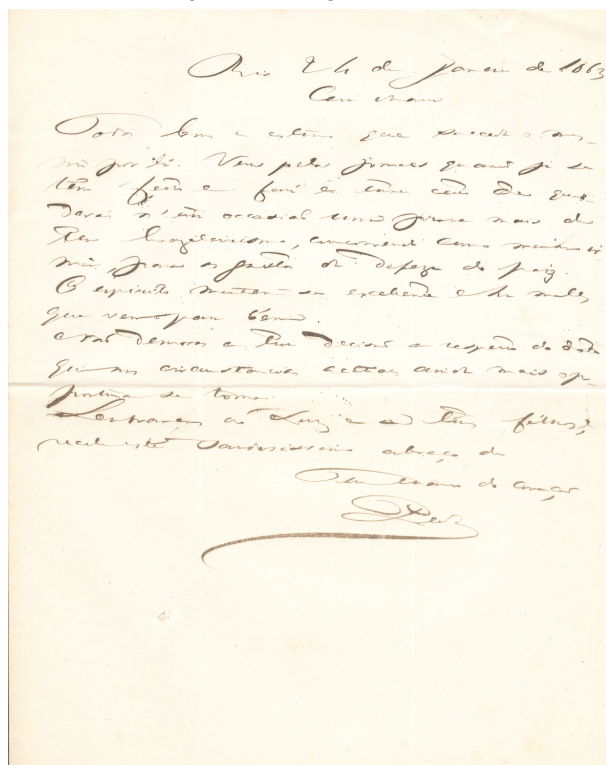
I) *Função substantiva*, em que ela se concentra no texto para explicá-lo, restituí-lo à sua forma genuína e prepará-lo tecnicamente para publicação; II) *Função adjetiva*, em que ela deduz, do texto, aquilo que não está nele: a determinação de autoria, a biografia do autor, a datação do texto, a sua posição na produção literária do autor e da época, bem como a sua avaliação estética (valorização); III) *Função transcendente*, em que o texto deixa de ser um fim em si mesmo da tarefa filológica, para se transformar num instrumento que permite ao filólogo reconstituir a vida espiritual de um povo ou de uma comunidade em determinada época. A individualidade ou a presença do texto praticamente desaparece, pois o leitor, abstraído do texto, apenas se compraz no estudo que dele resultou. É importante observar, na função substantiva do labor filológico, o seu caráter erudito; na função adjetiva, etapas da investigação literária; e na função transcendente, a vocação ensaística do filólogo, em busca da história da cultura.

Na prática, a função substantiva tem a ver com a tarefa da crítica textual (filologia no seu sentido mais estreito), mas podemos estendê-la a todas as acepções dessa disciplina, considerando que qualquer que seja o objetivo do filólogo, ele terá como base o texto escrito. Daí, toda decisão relacionada ao tipo e aos critérios de reprodução desse texto poderá influir no resultado do estudo almejado.

Tipos de reprodução

Basicamente são cinco os tipos de edição ou reprodução: I) fac-similar; II) diplomática; III) semidiplomática; IV) modernizada; e V) crítica. Essa tipologia e suas respectivas particularidades, no entanto, podem variar entre manuais e autores, dependendo da escola e tradição de cada um. A aplicação de um desses tipos de reprodução ou edição depende da finalidade ou intenção de quem edita.

Exemplo de edição fac-similar



(Acervo dos autores)

Exemplo de edição diplomática

Rio 24 de Janeiro de 1863

Cara Mana

Todos bons e estimo que succeda o mes-
mo por lá. Veras pelos jornaes quanto já se
tem feito e fará e estou certo de que
darás n'esta occasião uma prova mais do
teu brazileirismo, concorrendo como minha ir-
mãa, para os gastos da defeza do paiz.

O espirito mantem-se excelente e ha males
que vempara bem.

Não demoras a tua decisão a respeito do dote
quenas circumstancias actuais ainda mais op-
portunase torna.

Lembranças ao Luis e a teus filhos, e
recebeestesaudosissimo abraço de

Teu Mano do coração

Pedro

Levando em conta o número de testemunhos (edições existentes) do texto a ser reproduzido, podemos dividir esses tipos de edição em dois grupos: a) Se se tratar de texto com apenas um testemunho, os tipos de reprodução aplicáveis são os quatro primeiros. A distinção entre eles está assentada, basicamente, no grau de interferência de quem edita. b) Em se tratando de texto com dois ou mais testemunhos e que possuam variantes ou diferenças entre si, o tipo de reprodução aplicável, tradicionalmente, é a crítica. A essa categoria de texto politemunhal todas as outras edições ou reproduções também podem ser empregadas.

Reprodução crítica

É o tipo de edição – de texto primordialmente literário – que pretende ser o mais próximo do original, ou seja, da última forma que lhe foi dada pelo seu autor. Tem, assim, por finalidade a restituição do texto ou obra à sua forma genuína, dele retirando todas as alterações não autorais que possa ter sofrido no decurso de sua transmissão ao longo do tempo, do autor ao leitor. Por outras palavras, e em se tratando de obra muito antiga, cujo original esteja perdido ou deteriorado, o editor crítico objetiva reconstruí-lo a partir de indícios manuscritos e/ou impressos encontrados. Além de estabelecer a genuinidade do texto, o editor o torna inteligível, dilúcido, compreensível, podendo, para isso, interferir na ortografia, pontuação e fazer notas elucidativas. Esse é o tipo de edição que mais exige preparo do filólogo ou do crítico textual.

Para se fazer uma edição crítica, via de regra, segue-se o método, considerado verdadeiramente sistemático, e científico, criado pelo fundador da moderna crítica textual, o alemão Karl Lachmann (1793-1851).

A descrição desse método não é simples. Reduzindo-a ao essencial, as operações ou fases da edição crítica, de acordo com o método lachmanniano, podem ser resumidas em duas etapas. A primeira é a *RECENSÃO*, que consiste no levantamento dos testemunhos existentes. Seguem-se, nesta primeira etapa, as fases da *colação* (confronto dos testemunhos), da *estemática* (composição da genealogia ou da árvore genealógica dos testemunhos – a árvore genealógica ou estema representa esquematicamente as relações de conexão e derivação que se estabelecem entre os testemunhos da tradição da obra), e da *eliminação* (rejeição de alguns testemunhos). A segunda etapa é a *EMENDA*, que consiste na correção dos erros e seleção de variantes existentes nos testemunhos. Com base em todo o estudo realizado da obra e do seu autor, o editor faz emendas por conjectura ou inferência: pontuando, alterando, eliminando e transpondo palavras, trechos etc., podendo ainda fazer notas elucidativas. Todas as emendas devem ser justificadas em notas. É nessa etapa que é composto o *aparato crítico* ou *aparato das variantes* (conjunto de todas as notas, incluindo principalmente as referências de variantes presentes na tradição, permitindo ao leitor acompanhar a tentativa de reconstrução do texto genuíno e, ao mesmo tempo, justifica as escolhas feitas pelo editor crítico). Esse aparato é resultado da fase da *colação* (confronto) dos testemunhos, quando são identificadas todas as lições divergentes. Quer de natureza

gráfica quer de natureza linguística.

De acordo com o modelo básico proposto por Spina (1977, p.147), salvas, naturalmente, as divergências, a edição crítica completa deve ser composta de:

<p><i>PREFÁCIO</i> ou <i>INTRODUÇÃO</i>: história dos manuscritos, seu valor e inter-relações; <i>estemática</i>; informações minuciosas sobre os procedimentos da <i>recensão</i> e da <i>emenda</i>; informações sobre a ortografia do autor ou dos manuscritos; excursos sobre a obra, seu significado estético, histórico, literário; normas de edição.</p> <p><i>TEXTO APURADO</i>, seguido do <i>aparato crítico</i>; hermenêutica e exegese do texto (notas e comentários que têm por objetivo esclarecer ou interpretar particularidades do texto, de um trecho do texto, ou de uma palavra).</p> <p><i>GLOSSÁRIO</i></p> <p><i>REPRODUÇÃO DE FAC-SÍMILES</i></p>	
<p><i>ÍNDICES</i></p>	<p>onomástico (de autores e de obras)</p> <p>topográfico (de lugares)</p> <p>de palavras</p> <p>geral</p>
<p><i>BIBLIOGRAFIA</i></p>	

Para o conhecimento mais completo e informações mais circunstanciadas, seguem alguns termos da área filológica. Nas referências bibliográficas há, como sugestão de leitura, alguns manuais de introdução à crítica textual, bem como alguns trabalhos resultantes de pesquisa acadêmica na área.

Termos

Com base no *Dicionário de Termos Linguísticos* (Associação Portuguesa de Linguística e Instituto de Linguística Teórica e Computacional, Lisboa: Edições Cosmos, 1992), volume 1, listamos alguns dos termos mais frequentes nos estudos filológicos, excluindo os já mencionados, com suas respectivas acepções, neste artigo.

Autógrafo: Texto autoral.

Apógrafo: Cópia de um escrito original; traslado.

Arquétipo: Testemunho que o estema demonstra ser o ascendente, imediato ou não, de todos os outros testemunhos da tradição.

Bifólio: Resultado da dobragem de uma folha em dois fólios solidários (par conju-

gado). É a unidade básica de um caderno.

Caderno: Grupo de bifólios ou reunião de várias folhas dobradas. É a unidade básica do códice.

Códice: Livro manuscrito organizado em cadernos solidários entre si por cosedura e encadernação.

Conjectura: Lição reconstruída pelo editor, sem apoio em testemunhos, destinado ao preenchimento de uma lacuna ou à emenda de um erro presente na tradição da obra ou texto.

Copista: Pessoa que executa a transcrição manuscrita de um texto; escriba.

Crítica genética: Crítica textual de textos modernos e contemporâneos (séculos XIX e XX, sobretudo). Procura analisar, classificar e interpretar os espólios, medindo a distância que separa as notas, os esboços, os rascunhos, as redações transitórias (pré-textos) do texto definitivo, publicado ou não pelo autor. O objetivo último é o de traçar o processo de gênese ou criação de um texto.

Edição princeps (príncipe): Primeira edição impressa de um texto ou obra.

Exemplar: Testemunho cujo texto serve de modelo para uma transcrição; testemunho ou exemplar de colação.

Filigrana ou marca-d'água: Vestígio do molde em que o papel foi fabricado, reconhecível na sua textura quando observável em contraluz. Permite identificar o respectivo fabricante e data aproximada de fabrico; marca de água.

Fólio: Cada uma das duas metades de um bifólio.

Genuíno: Diz-se do texto reproduzido que pretende ser legítimo em relação ao seu original.

Grafema: Unidade mínima do sistema da escrita; letra.

Grafia: Forma assumida pela codificação de uma unidade fonológica, morfológica, lexical e suprasegmental em um sistema de escrita. O conjunto de regras aceites socialmente para essa codificação tem o nome de ortografia.

Ideógrafo: Manuscrito não autógrafo revisto diretamente pelo autor.

Impresso: Testemunho produzido por instrumento mecânico. É o oposto natural de manuscrito que é produzido por escrita manual.

Incunábulo: Livro impresso na Europa durante o século XV.

Instrumento de escrita: Objeto por meio do qual o copista ou escriba faz inscrição manuscrita no suporte.

Letra caligráfica: Forma de escrita em que não há ligadura ou encadeamento entre os caracteres alfabéticos ou letras: o instrumento de escrita é levantado do suporte entre o desenho de cada letra sucessiva.

Letra cursiva: Forma de escrita em que há ligadura ou encadeamento entre os caracteres alfabéticos ou letras: o instrumento de escrita é poucas vezes afastado do suporte pelo que surgem elementos de ligação entre as sucessivas letras.

Lição: Forma assumida por um texto em um determinado testemunho da sua tradição.

Manuscrito: Testemunho produzido por escrita manual. É o oposto natural de impresso que é produzido por instrumento mecânico.

Original: Texto efetivamente formulado pelo autor.

Pontusal: Vestígio deixado na folha de papel por cada um dos arames, transversais às vergaturas, que, juntamente com estas, formavam o fundo do molde usado na fabricação artesanal de papel. Os pontusais, assim como as vergaturas e a marcas-d'água ou filigranas, são observáveis em contraluz.

Reclame ou Reclamo: Palavra ou grupo de palavras ou ainda parte de uma palavra que, no final de uma página, de um fólio, ou de um caderno, duplicam o início do texto da página, do fólio, ou do caderno seguintes. Tem a função de auxiliar a ordenação das páginas, dos fólhos, ou dos cadernos.

Recto: Face externa de um fólio; frente. Com o livro aberto, corresponde sempre à página da direita, à de número ímpar. É o oposto de verso.

Salto bordão: Erro de cópia que resulta na supressão ou na repetição de um trecho de texto, devido à proximidade relativa, no exemplar, de duas formas parecidas ou idênticas.

Suporte: Material capaz de receber e conservar a inscrição de um texto.

Testemunho: Forma (manuscrita, impressa, gravada) assumida por um texto em determinado suporte.

Tradição: Totalidade dos testemunhos, manuscritos, ou impressos, conservados, ou desaparecidos, em que um texto ou obra se materializou ao longo da sua transmissão.

Transcrição: Produção de um novo testemunho de um texto, utilizando um sistema de escrita quer idêntico quer equivalente ao do exemplar.

Transmissão: Processo de reprodução sucessiva de um texto ou obra, cujo resultado é a tradição.

Usus scribendi (modo de escrever): Estilo literário do autor. O seu conhecimento por parte do editor permite menor margem de erro nas conjecturas.

Variante: Lugar do texto em que ocorre divergência entre dois ou mais testemunhos.

Vergatura: Vestígio deixado na folha de papel por cada um dos arames finos e muito unidos que formavam, juntamente com os pontusais, o fundo do molde usado na fabricação artesanal de papel. As vergaturas, assim como os pontusais e a marca de água ou filigrana, são observáveis em contraluz e consistem em linhas paralelas e horizontais.

Versão: Reformulação de uma redação definitiva pelo respectivo autor. Cada versão corresponde, assim, a um diferente original.

Verso: Face interna de um fólio; com o livro aberto, corresponde sempre à página da esquerda, à de número par. É o oposto de recto.

Vulgata: Versão de um texto mais comumente difundida ou aceita como autêntica

Parte 2: Das variantes em *Dom Casmurro*

A linha de pesquisa filológica, como vimos, pode oferecer dois caminhos, que são congruentes, para a análise do texto escrito – seu objeto de estudo: o caminho largo, que permite o estudo da língua em todos os níveis de análise, do linguístico ao sócio-histórico, ou dos aspectos internos aos externos; e o caminho estreito, ou caminho da crítica textual,

que trata do texto, primordialmente literário (antigo e moderno, manuscrito e impressos), com o objetivo de editá-lo na sua forma genuína, o mais próximo possível do original ou da última forma deixada pelo autor.

Uma das tarefas desta segunda vertente é o levantamento das variantes ou diferenças entre os testemunhos colados. Para exemplificarmos, na prática, nesta parte do texto levantamos algumas variantes de natureza diversa encontradas no cotejo dos seguintes testemunhos de *Dom Casmurro* (Machado de Assis)⁵: A) *Um agregado* – capítulo de um livro inédito. In: *Republica*. Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1896. Trata-se da primeira redação de parágrafos que compõem os capítulos III, IV e V do romance. Esse testemunho foi considerado como subarquétipo (□) pela Comissão Machado de Assis na elaboração da edição crítica; B) *Dom Casmurro*. 1ª edição, 1899; C) *Dom Casmurro*. 2ª edição, 1900; D) *Dom Casmurro*. 5ª edição, 1924; E) *Dom Casmurro*. Edição crítica, 1977; F) *Dom Casmurro*. (Estabelecimento do texto e notas de Adriano Gama Kury), 1992.

Cotejo e variantes

(Cap. IV): José Dias amava os superlativos. Era um modo de dar feição monumental às idéias; não as havendo, **serviam** a prolongar as frases.

Lê-se *servir* nos testemunhos B (1899), C (1900), D (1924) e E (1977), e *serviam* nos testemunhos A (1896), F (1992), variante eleita na edição Globo (doravante, G), considerando a concordância verbal lógica, sendo sujeito “os superlativos”.

(Cap. V): Outrossim, ria largo, se era preciso, de um grande riso sem vontade, mas comunicativo, a tal ponto as bochechas, os dentes, os olhos, toda a cara, **toda** a pessoa, todo o mundo pareciam rir nele.

Lê-se *todo* nos testemunhos B (1899), C (1900) e D (1924), e *toda* nos testemunhos E (1977) e F (1992), variante eleita na edição G, considerando a concordância nominal lógica – “toda a pessoa”.

(Cap. XV): [...] escrevo todas **as** noites que é um desespero; negócio de relatório.

Lê-se *os* nos testemunhos B (1899), C (1900) e D (1924), e *as* nos testemunhos E (1977) e F (1992), variante eleita na edição G, considerando a concordância nominal lógica – “todas as noites”.

(Cap. XXVI): Levantou a perna e fez uma pirueta. Uma das suas ambições era tornar à Europa, falava dela **muitas** vezes, sem acabar de tentar minha mãe nem tio Cosme, por mais que louvasse os ares e as belezas...

Lê-se *muitos* nos testemunhos B (1899), C (1900) e D (1924), e *muitas* nos testemunhos E (1977) e F (1992), variante eleita na edição G, considerando a concordância nominal lógica – “muitas vezes”.

5. Algumas dessas variantes, juntamente com notas elucidativas, podem ser encontradas na edição em homenagem ao centenário de morte de Machado de Assis. São Paulo: Editora Globo, 2008. Com fixação de texto e notas deste autor e prefácio de John Gledson.

(Cap. XXX): Opas enfiadas, tochas distribuídas e acesas, padre e cibório prontos, o sacristão de hissope e campainha **nas** mãos, saiu o préstito à rua.

Lê-se *nos* nos testemunhos B (1899), C (1900) e D (1924), e *nas* nos testemunhos E (1977) e F (1992), variante eleita na edição G, considerando a concordância nominal lógica – “nas mãos”.

(Cap. XXXVII): Não conhecendo a lição do *Cântico*, não me acudiu estender a mão esquerda por baixo **da** cabeça dela;

Lê-se *do* nos testemunhos B (1899), C (1900) e D (1924), e *da* nos testemunhos E (1977) e F (1992), variante eleita na edição G, considerando a concordância nominal lógica – “da cabeça”.

(Cap. XXXVII): Ficamos **naquela** luta, sem estrépito, porque apesar do ataque e da defesa, não perdíamos a cautela necessária para não sermos ouvidos lá de dentro; [...].

Lê-se *daquele* nos testemunhos B (1899), C (1900) e D (1924), e *daquela* nos testemunhos E (1977) e F (1992), variante eleita na edição G, considerando a concordância nominal lógica – “daquela luta”.

(Cap. XLII): Capitu despedia-se de **duas** amigas que tinham ido visitá-la, Paula e Sancha, companheiras de colégio, aquela de quinze, esta de dezessete anos, a primeira filha de um médico, a segunda de um comerciante de objetos americanos.

Lê-se *três* nos testemunhos B (1899), C (1900), D (1924) e E (1977), e *duas* no testemunho F (1992), variante eleita na edição G, considerando o número de amigas nominadas “Paula e Sancha”.

(Cap. XLIII): **Todas** essas belas instituições sociais me envolviam no seu mistério, sem que os olhos de ressaca de Capitu deixassem de crescer para mim, a tal ponto que as fizeram esquecer de todo.

Lê-se *todos* nos testemunhos B (1899), C (1900) e D (1924), e *todas* nos testemunhos E (1977) e F (1992), variante eleita na edição G, considerando a concordância nominal lógica – “todas essas belas instituições sociais”.

(Cap. LI): Quanto ao selo, Deus, como fez **as** mãos limpas, assim fez os lábios limpos, e a malícia está antes na tua cabeça perversa que na daquele casal de adolescentes...

Lê-se *os* nos testemunhos B (1899), C (1900) e D (1924), e *as* nos testemunhos E (1977) e F (1992), variante eleita na edição G, considerando a concordância nominal lógica – “as mãos”.

(Cap. LXV): Assim lho disse, na manhã seguinte, **no** quintal dela, recordando as palavras da véspera, [...].

Lê-se *na* nos testemunhos B (1899), C (1900) e D (1924), e *no* nos testemunhos E (1977) e F (1992), variante eleita na edição G, considerando a concordância nominal

lógica – “no quintal”.

(Cap. LXVI): Caso tivesse ressentimentos de minha mãe, não era uma razão mais para detestar Capitu, nem ela precisava de razões suplementares. Contudo, a intimidade de Capitu **fê-la** mais aborrecível à minha parenta.

Lê-se *fê-lo* no testemunho B (1899), e *fê-la* nos testemunhos C (1900), D (1924), E (1977) e F (1992), variante eleita na edição G, considerando a concordância nominal lógica – “Capitu *fê-la* / minha mãe”.

(Cap. LXVII): Na rua, íamos calados, ele não alterando o passo do costume, — a premissa antes da conseqüência, a conseqüência antes **da** conclusão, [...].

Lê-se *do* nos testemunhos B (1899), C (1900) e D (1924), e *da* nos testemunhos E (1977) e F (1992), variante eleita na edição G, considerando a concordância nominal lógica – “da conclusão”.

(Cap. LXXXII): Repeti **estas** palavras, com os simples dedos, apertando os dela.

Lê-se *esta* nos testemunhos B (1899), C (1900) e D (1924), e *estas* nos testemunhos E (1977) e F (1992), variante eleita na edição G, considerando a concordância nominal lógica – “estas palavras”.

(Cap. LXXXIV): A casa era uma loja de louça, escassa e pobre; tinha as portas meio **cerradas**, e a pessoa que me chamava era um pobre homem grisalho e mal vestido.

Lê-se *cerrados* nos testemunhos B (1899), C (1900) e D (1924), e *cerradas* nos testemunhos E (1977) e F (1992), variante eleita na edição G, considerando a concordância nominal lógica – “portas meio *cerradas*”.

(Cap. XCII): A **muitos** outros aconteceu a mesma cousa, sem que eu sentisse nada, mas este caso afligiu-me particularmente pela razão já dita.

Lê-se *muitas* nos testemunhos B (1899), C (1900) e D (1924), e *muitos* nos testemunhos E (1977) e F (1992), variante eleita na edição G, considerando a concordância nominal lógica – “muitos outros”.

(Cap. XCIV): Mas onde **a** perfeição é maior é no emprego do zero.

Lê-se *o* nos testemunhos B (1899), C (1900) e D (1924), e *a* nos testemunhos E (1977) e F (1992), variante eleita na edição G, considerando a concordância nominal lógica – “a perfeição”.

(Cap. CVIII): Os pais, como os outros pais, contavam as travessuras e agudezas da menina, e nós, quando voltávamos à noite para a Glória, vínhamos suspirando as nossas invejas, e pedindo mentalmente ao céu que no-las **matasse**...

Lê-se *matassem* em todos os testemunhos cotejados (exceto em A (1896), que não contém a passagem), no lugar de *matasse*, variante eleita na edição G, considerando que

se trata do predicado verbal do sujeito *céu*, no singular.

(Cap. CVIII): — Anda, toma **a** bênção a teu padrinho, velhaco.

Lê-se o nos testemunhos B (1899), C (1900) e D (1924), e *a* nos testemunhos E (1977) e F (1992), variante eleita na edição G, considerando a concordância nominal lógica – “a bênção”.

(Cap. CX): Aos cinco e seis anos, Ezequiel não parecia desmentir os meus sonhos da praia da Glória; ao contrário, adivinhavam-se nele **todas** as vocações possíveis, desde vadio até apóstolo.

Lê-se *todos* nos testemunhos B (1899), C (1900) e D (1924), e *todas* nos testemunhos E (1977) e F (1992), variante eleita na edição G, considerando a concordância nominal lógica – “todas as vocações”.

(Cap. CXIV): Mas hás de crer que, quando corri aos papéis velhos, **naquela** noite da Glória, também me não lembrava já da toada nem do texto?

Lê-se *naquela* nos testemunhos B (1899), C (1900) e D (1924), e *naquela* nos testemunhos E (1977) e F (1992), variante eleita na edição G, considerando a concordância nominal lógica – “naquela noite”.

(Cap. CXXIII): Muitos **homens** choravam também, as mulheres todas.

Lê-se *homem* nos testemunhos B (1899), C (1900) e D (1924), e *homens* nos testemunhos E (1977) e F (1992), variante eleita na edição G, considerando as concordâncias nominal e verbal lógicas – “muitos homens choravam”.

(Cap. CXXVI): Batiam oito **horas** numa padaria.

Lê-se *hora* nos testemunhos B (1899), C (1900) e D (1924), e *horas* nos testemunhos E (1977) e F (1992), variante eleita na edição G, considerando as concordâncias nominal e verbal lógicas – “batiam oito horas”.

(Cap. CXXX): Vou escrevê-lo; podia antepô-lo a este, antes de mandar o livro ao prelo, mas custa muito alterar o número **das** páginas; vai assim mesmo, depois a narração seguirá até o fim.

Lê-se *dos* nos testemunhos B (1899), C (1900) e D (1924), e *das* nos testemunhos E (1977) e F (1992), variante eleita na edição G, considerando a concordância nominal lógica – “das páginas”.

(Cap. CXXXII): [...], e eu jurava matá-los a ambos, ora de golpe, ora devagar, para dividir pelo tempo da morte **todos** os minutos da vida embaraçada e agonizada.

Lê-se *todas* nos testemunhos B (1899), C (1900) e D (1924), e *todos* nos testemunhos E (1977) e F (1992), variante eleita na edição G, considerando a concordância nominal lógica – “todos os minutos”.

(Cap. CXLII): — Quem **se** importará com datas, filiação, nem nomes, depois que eu acabar?

Lê-se *lhe* nos testemunhos B (1899), C (1900) e D (1924), e *se* nos testemunhos E (1977) e F (1992), variante eleita nesta edição.

A maioria dessas variantes indica para equívocos tipográficos das primeiras edições, mas algumas permanecem em edições recentes, a começar pela própria edição crítica de 1977. No capítulo CXLVIII, o último, há duas variante que, pela sua natureza, mereceram discussão mais minuciosa em Santiago-Almeida (2010, p. 189-202). Trata-se das variantes “**É** bem” versus “**E** bem”, uma no título, e outra no corpo do capítulo.

Referências

ACIOLI, Vera Lúcia Costa. **A escrita no Brasil Colônia**: um guia para leitura de documentos manuscritos. Recife: UFBA; FJN; Massangana, 1994.

ASSIS, Machado de. Um agregado. (Capítulo de um livro inédito). **Republica**. Rio de Janeiro, 15-XI, p.1, 1896.

_____. **Dom Casmurro**. 1. ed. Paris; Rio de Janeiro: H. Garnier; Livreiro-Editor, 1899.

_____. **Dom Casmurro**. 2. ed. Paris; Rio de Janeiro: H. Garnier; Livreiro-Editor, 1900.

_____. **Dom Casmurro**. 5. ed. Paris; Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1924.

_____. **Dom Casmurro**. Edição crítica. Rio de Janeiro; Brasília: Civilização Brasileira; Instituto Nacional do Livro, 1977.

_____. **Dom Casmurro**. Estabelecimento do texto e notas de A. da G. Kury. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1992.

_____. **Dom Casmurro**. Fixação de texto e notas de M. M. Santiago-Almeida. São Paulo: Globo, 2008.

AUERBACH, Erich. **Introdução aos estudos literários**. São Paulo: Cultrix, 1972.

AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarante de. **Iniciação em crítica textual**. Rio de Janeiro; São Paulo: Presença; Edusp, 1987.

BLECUA, Alberto. **Manual de crítica textual**. Madrid: Ed. Castalia, 1983 [reimpressão: 1990].

CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à crítica textual**. S. Paulo: Martins Fontes, 2005.

CANDIDO, Antonio. **Noções de análise histórico-literária**. São Paulo: Humanitas, 2005.

CASTRO, Ivo. **Editar Pessoa**. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1990.

COSTA, Pe. Avelino Jesus da. **Normas gerais de transcrição e publicação de documentos e textos medievais e modernos**. 3ª ed. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1993.

DUARTE, Luiz Fagundes. **A fábrica dos textos**: ensaios de crítica textual acerca de Eça de Queiroz. Lisboa: Cosmos, 1993.

FERREIRO, Manuel et alii. **Normas de edición para a poesía trabadoresca galego-**

portuguesa medieval. A Coruña: Universidade da Coruña, 2007.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. **Abreviaturas:** manuscritos dos séculos XVI ao XIX. 2. ed. São Paulo: Unesp; AESP, 1991.

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita.** São Paulo: Parábola, 2003.

HOUAISS, Antonio. **Elementos de Bibliologia.** Rio de Janeiro: MEC; INL, 1967.

_____; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LÉON, Jacqueline. A linguística de corpus: história, problemas, legitimidade. **Filologia e Linguística Portuguesa,** São Paulo, v. 8, p. 51-81, 2006.

MEGALE, Heitor. **A Demanda do Santo Graal:** das origens ao códice português. Cotia: Ateliê, Fapesp, 2001.

_____. Pesquisa filológica: os trabalhos da tradição e os novos trabalhos em língua portuguesa. **Estudos Linguísticos – GEL,** São José do Rio Preto, v. 27, p. 3-28, 1998.

_____; TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida (orgs.). **Por minha letra e sinal:** documentos do ouro do século XVII. Cotia: Ateliê, 2006.

MENDES Ubirajara. Evolução das escritas: tipos caligráficos. **Boletim do Departamento do Arquivo,** São Paulo, v. 10, 1953.

SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. Para uma nova edição crítica de Dom-Casmurro. **Caligrama,** Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 189-202, 2010.

_____. Os manuscritos e impressos antigos: a via filológica. In: GIL et alii (Org.). **Modelos de análise linguística.** São Paulo: Contexto, 2009. p. 223-234.

_____; TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida; MEGALE, Heitor. **Âncora medicinal para conservar a vida com saúde.** Cotia: Ateliê, 2004.

SPAGGIARI, Barbara; PERUGI, Maurizio. **Fundamentos da crítica textual.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

SPINA, Segismundo. **Introdução à edótica:** crítica textual. S. Paulo: Cultrix; Edusp, 1977.

VALENTE, José Augusto Vaz. **Álbun de paleografia portuguesa.** São Paulo: Edusp, 1983.

VASCONCELOS, José Leite de. **Lições de filologia portuguesa.** 2. ed. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1926.